



SELECÇÃO OFICIAL
COMPETIÇÃO
FESTIVAL DE CANNES

 **INDIELISBOA**
INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

Baseado no conto "OS CELEIROS INCENDIADOS" de HARUKI MURAKAMI

EM CHAMAS

BURNING

UM FILME DE LEE CHANG-DONG

Com AH-IN YOO, STEVEN YEUN, JONG-SEO JUN

SINOPSE

“Agora diz a verdade.” Jongsu, que trabalha como estafeta, sai para um serviço e encontra Haemi, uma jovem que outrora foi sua vizinha e que num instante o seduz. Quando ela regressa de uma viagem a África, apresenta-lhe Ben, um jovem rico e enigmático. Certo dia, Ben fala-lhe do seu passatempo secreto. Pouco tempo depois, Haemi desaparece...



REALIZADOR

LEE Chang-dong iniciou a sua carreira no teatro com cerca de vinte anos e, posteriormente, estreou-se como romancista. GREEN FISH, a sua primeira longa-metragem, é um singular *film noir* coreano. Se GREEN FISH explorava as convenções de género e o mundo real, o realizador continuou a pesquisa sobre a vida e o cinema com PEPPERMINT CANDY, com o qual fez experiências com a narrativa recorrendo a *flashbacks*, e OASIS, através do qual questionou a natureza da verdadeira comunicação entre as pessoas. OASIS valeu a LEE e à atriz principal MOON So-ri os prémios para Melhor Realizador e Melhor Atriz Revelação no Festival de Veneza.

Em 2003, foi nomeado Ministro da Cultura e do Turismo.

Quando foi dispensado destas funções oficiais, realizou a sua quarta longa-metragem, SECRET SUNSHINE. A magnífica interpretação de JEON Do-yeon no papel da atormentada Shin-ae em SECRET SUNSHINE valeu-lhe o prémio de Melhor Atriz no Festival de Cannes em 2007.

O seu quinto filme, POETRY, venceu o prémio para Melhor Argumento na 63ª edição do Festival de Cannes e acumulou outras prestigiadas distinções em inúmeros festivais nacionais e internacionais. Depois de POETRY, o realizador reencontra-se com o público com BURNING - EM CHAMAS.



UMA CURTA CONVERSA COM O REALIZADOR LEE CHANG-DONG

UMA DANÇA EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA

– Por OH Jung-mi

Conheci o realizador LEE Chang-dong na escola de cinema em 2010 e aprendi com ele a contar histórias. Foi ele que nos ensinou que não somos nós que inventamos uma boa história, é antes esta que se atravessa no nosso caminho. Tal como os organismos vivos, as boas histórias pairam à nossa volta, e se estivermos atentos seremos capazes de as reconhecer. Após terminar os estudos, trabalhei como argumentista com LEE, e ao longo desses cinco anos várias histórias rondaram-nos e atravessaram-se no nosso caminho. Algumas tornaram-se argumentos cinematográficos, mas foram postas de lado por não termos propriamente uma resposta para o motivo pelo qual deveriam tornar-se filmes. Era como se estivéssemos a andar em círculos, à procura de uma estrada desconhecida. Quando a espera começou a tornar-se cansativa, tropeçámos no conto de Haruki MURAKAMI, “OS CELEIROS INCENDIADOS.” Tal como LEE dissera, deparámo-nos com a história por puro acaso, no mais inesperado dos momentos.

OH: Julgo que as pessoas ficam surpreendidas quando descobrem que fez um filme baseado no conto de MURAKAMI. E a história é daquelas em que de facto nada acontece. Não são estas as histórias que disse aos alunos de Escrita de Argumento que deviam evitar?

LEE: Quando me recomendaste este conto, fiquei algo desconcertado. Embora a história fosse misteriosa, nada ali acontecia de facto. Mas tive de te dar razão: aquele ambiente misterioso era bastante cinematográfico. O pequeno mistério do conto podia ser ampliado para mistérios maiores em múltiplas camadas através do cinema. Os buracos na cadeia de eventos – a peça que falta e a cuja verdade nunca acederemos – faz alusão ao mundo misterioso em que vivemos; o mundo no qual sentimos que há algo de errado, embora sejamos incapazes de dizer qual é exactamente o problema.



OH: Intitulámos alguns dos nossos textos 'Projecto Raiva' O Lee queria contar história sobre raiva, especialmente acerca da raiva que as pessoas hoje em dia sentem. Mas, ao mesmo tempo, queria igualmente abster-se de contar essas histórias de um modo convencional. Como julga que este conto misterioso de MURAKAMI deu origem a uma história acerca da raiva?

LEE: Hoje em dia, parece que as pessoas em todo o mundo, independentemente da nacionalidade, religião, ou estatuto social, estão zangadas, seja por que motivo for. A raiva que os jovens sentem é uma questão particularmente preocupante. Os jovens coreanos estão a atravessar um período difícil. São vítimas do desemprego. Não têm esperança no presente e não vêem perspectivas no futuro. Incapazes de identificar o alvo para onde dirigir a raiva, sentem-se impotentes. Porém, o mundo parece cada vez mais sofisticado e prático, um lugar perfeitamente funcional à superfície. Para muitos jovens, o mundo está a parecer-se cada vez mais com um puzzle gigante. É um pouco assim que o protagonista da história de MURAKAMI se sente: apático perante um homem cuja verdadeira identidade está envolta em mistério.

OH: Concordo. As pessoas que já se sentiram medianas ou diminuídas compreendem essa sensação de impotência. Na minha opinião, no momento em que li a expressão “celeiros inúteis” que é usada na história original, achei que poderia ser uma metáfora para “pessoas inúteis”, o que me fez sentir solidário e irritado. A propósito, durante este projecto, o Lee também ficou intrigado pelo facto de a história de MURAKAMI ter o mesmo título que um conto de William FAULKNER.

LEE: O conto de William FAULKNER é, de facto, sobre a raiva. Embora este filme seja baseado numa história de MURAKAMI, também tem uma ligação ao universo de FAULKNER. A história de FAULKNER é sobre um homem e a raiva que sente em relação à vida e ao mundo, e descreve igualmente de forma vívida o sentimento de culpa que o filho sente por o pai ser autor de fogo posto. Ao contrário da história de FAULKNER, o conto de MURAKAMI é sobre um homem que incendeia celeiros por diversão – uma história enigmática. Por esse motivo, têm maneiras muito distintas de contar as respectivas histórias: o celeiro de MURAKAMI é uma metáfora em vez de um objecto tangível, ao passo que o celeiro de FAULKNER representa a realidade propriamente dita – o objecto para o qual é dirigida a raiva.



OH: E Jongsu, a personagem principal do nosso filme, fica obcecado com essa metáfora. No dia em que começámos a conversar sobre BURNING, lembro-me de falarmos de uma vinheta com um homem a espeitar para dentro de uma estufa com cobertura de plástico. Foi uma estufa, em vez de um celeiro, que nos veio à cabeça, porque aquelas são mais vulgares na Coreia. Uma estufa transparente mas salpicada de manchas. E um homem que fita um espaço cheio de nada do outro lado da película plástica. Eu talvez tivesse um palpite que alguns dos segredos do nosso filme residiriam aí. Ao contrário dos celeiros de madeira da história de MURAKAMI, foram conferidas à estufa de plástico as suas próprias características físicas no filme.

LEE: Se disséssemos que uma metáfora tem um conceito ou um significado, a estufa danificada do filme é uma imagem que vai além do conceito e do significado. Tem uma forma física, mas é transparente e não tem nada lá dentro. Foi outrora concebida com um objectivo para agora estar totalmente inutilizada. É puramente cinematográfica no sentido em que não pode ser cabalmente explicada através de um conceito ou ideia. Há outras coisas no nosso filme que, tal como a estufa de plástico, ultrapassam as ideias e as noções: a pantomima, o gato, e Ben, também. Quem é Ben? O gato será real? A história do poço de Haemi será verdadeira? Só porque não vemos, significa que não existem? Ao contrário dos textos, os filmes transmitem um imaginário visual, o que, por sua vez, não passa de mera ilusão projectada num ecrã através de feixes de luz. Porém, o público aceita essas ilusões vazias, atribuindo-lhes o seu próprio significado e conceito. Com este filme, quis mostrar todo o mistério que envolve o cinema enquanto dispositivo.

OH: Acho que o mistério que envolve o dispositivo cinematográfico reflecte o próprio mistério das nossas vidas. As pessoas continuam a questionar o sentido da vida que parece não ter sentido algum, mas o mundo permanece um mistério. Não obstante, há pessoas que não desistem de ir em busca do sentido da vida. Como por exemplo quando Haemi executa a dança da Grande Fome no filme. Penso muitas vezes numa citação dos bosquímanos, com que me cruzei durante uma pesquisa. Queria usá-la como fala no filme, mas não consegui encontrar o momento certo para isso. “Todos os animais e objectos deste universo são a Grande Fome. As estrelas, à noite, tremeluzem porque estão a executar a Dança da Grande Fome, cientes de que esmorecerão e a sua luz extinguir-se-á. O orvalho da manhã nas folhas são lágrimas derramadas pelas estrelas.” Os antepassados da humanidade, os Bosquímanos do deserto de Kalahari, dançavam toda a noite em busca do significado da vida. Só porque alguém passa a noite a dançar, o mundo não vai mudar. Mas o facto de, apesar de tudo, alguém dançar, transmite esperança. Se calhar, fazer cinema não é assim tão diferente de executar a dança da Grande Fome.



REVISTA DE IMPRENSA

Vibrante e intenso, o filme de LEE Chang-dong, um dos mais belos na última edição do Festival de Cannes, oscila entre o thriller romântico e a busca metafísica, ao mesmo tempo que as certezas do trio amoroso se consomem em lume brando. **LIBÉRATION** ★ ★ ★ ★ ★

A elegância suprema de EM CHAMAS é ser capaz de não queimar todos os vasos no ecrã e deixá-los infiltrarem-se nos canais mais secretos do nosso imaginário. **LES CAHIERS DU CINÉMA** ★ ★ ★ ★ ★

LEE Chang-dong assina o seu filme mais abstracto, mais belo e mais surpreendente, algures entre o thriller e a provocação social. **LE MONDE** ★ ★ ★ ★

A Palma de Ouro da crítica **EL PAÍS**

Este filme é tudo menos normal. O que começa por ser um estudo de personagem assente na ideia de classe, revela-se, no fundo sombrio, afinal um thriller... e a confiar no que se disse em Cannes, bastante cruel. (...) Será um triângulo amoroso, um homicídio misterioso ou um comentário acerca da condição humana? Chame-se o que se quiser a este espantoso thriller do realizador sul-coreano LEE Chang-dong, ferveilha graças ao poder de acumulação de o vai deixar de cara à banda. **ROLLING STONE**

Um conto fascinante **INDIEWIRE**

